

A EMOÇÃO MULHER MARAVILHA: UMA DISCUSSÃO SOBRE A SAÚDE MENTAL DE MÃES SOLO RESIDENTES NA CIDADE DE SETE LAGOAS/MG

Geicielle de Fátima Araújo Viana*

Ana Cláudia Junqueira da Silva Burd**

RESUMO

Na atualidade, temas que abordam à saúde mental têm sido constantemente abordados nas discussões políticas de saúde no Brasil. Além disso, muitos estudos retratam essa realidade considerando os aspectos biológicos e psicossociais que a envolvem, englobando ainda, as relações pelas as quais o indivíduo estabelece entre si e o mundo. Nesse sentido, tomando como base as novas configurações e reconfigurações familiares, se fez necessário neste trabalho a construção de um diálogo acerca da saúde mental da mulher mãe solo, uma vez que esta figura é parte de uma sociedade que apresenta um papel desafiador em suas vivências, o qual geralmente exige o seu desdobramento em diversas atividades que incluem o seu “eu” e do filho que cuida. O presente estudo visa compreender como repercutem os estigmas sociais na saúde mental das mães solo, apresentando o conceito de saúde mental adicionado à saúde psíquica da mulher. Também, apresenta as contribuições do movimento feminista junto a maternidade e os estigmas sociais enfrentados pela mãe solo. Foi executado um estudo qualitativo, tendo como instrumento entrevistas semiestruturadas com 4 mães solo, com idades compreendidas entre 29 e 52 anos. Os dados foram analisados mediante a análise Análise de Conteúdo de Bardin (1977), apontando em seus resultados a complexidade da experiência do “ser mãe” e os diversos fatores que dificultam o transcorrer deste processo.

Palavras-Chave: Mãe solo; Estigmas; Saúde mental; Movimento feminista no Brasil.

ABSTRACT

Currently, topics that address mental health have been constantly addressed in health policy discussions in Brazil. In addition, many studies portray this reality considering the biological and psychosocial aspects that involve it, also encompassing the relationships by which the individual establishes between himself and the world. In this sense, based on the new family configurations and reconfigurations, it was necessary in this work to build a dialogue about the mental health of the solo mother woman, since this figure is part of a society that presents a challenging role in her experiences. , which usually requires its unfolding in several activities that include your “me” and the child who cares. The present study aims to understand how social stigmas affect the mental health of solo mothers, presenting the concept of mental health added to the psychological health of women. It also presents the contributions of the feminist movement to motherhood and the social stigmas faced by the solo mother. A qualitative study was carried out, using semi-structured interviews with 4 solo mothers, aged between 29 and 52 years. The data were analyzed by analyzing Content Analysis by Bardin (1977), pointing out in its results the complexity of the experience of “being a mother” and the various factors that hinder the progress of this process.

KEYWORDS: Solo mother; Stigmas; Mental health; Feminist movement in Brazil.

*Graduanda em Psicologia na Faculdade Ciências da Vida (FCV).

E-mail: geicielle17@gmail.com.

** Mestre em Psicologia – PUC Minas, Bacharel em Direito – UFV, Psicóloga do TJMG e professora da FCV.

E-mail: anacjunqueira@yahoo.com.br.

1 INTRODUÇÃO

A palavra mãe é definida como um substantivo feminino que se refere a aquela que concebeu um ou mais filhos. O conceito ainda é estendido no senso comum, definindo a mãe como a que protege, que cuida, que dá carinho e assistência. Ser mãe, em alguns discursos, é considerado uma árdua tarefa que inclui sacrifícios e desafios, porém em outros, a maternidade surge um pouco mais romantizada, levando a conclusão que ser mãe trata-se também de vivências subjetivas (FERREIRA, 2010; ESTRELA; MACHADO; CASTRO, 2018).

Na atualidade, temas que relacionados à saúde mental têm sido constantemente abordados nas discussões políticas de saúde no Brasil. Além disso, muitos estudos retratam essa realidade considerando os aspectos biológicos e psicossociais que a envolvem, englobando ainda as relações pelas as quais o indivíduo estabelece entre si e o mundo. Nesse sentido, tomando como base as novas configurações e reconfigurações familiares, se fez necessário neste trabalho a construção de um diálogo acerca da saúde mental da mulher mãe solo, uma vez que esta figura é parte de uma sociedade que apresenta um papel desafiador em suas vivências, o qual geralmente exige o seu desdobramento em diversas atividades que incluem o seu “eu” e o do filho que cuida (SILVA, 2018; TRAIIVANCAS, 2018).

A partir disso, tendo como questão norteadora: “quais os estigmas sociais enfrentados pela mãe solo, e como isso repercute em sua saúde mental?”, essa pesquisa buscou lançar novos olhares em torno das mães solo, bem como, provocar nesse grupo específico uma atenção para a sua saúde mental. Assim, o presente trabalho justifica-se em atrair a atenção de profissionais e acadêmicos da saúde para esse público, promovendo novas discussões, conceitos e intervenções de acolhimento à mulher “heroína”, “forte” e que também possui emoções.

Considerando complexa a experiência do “ser mãe” e os diversos fatores que podem facilitar ou dificultar o transcorrer deste processo, o objetivo principal deste estudo foi compreender como repercutem os estigmas sociais na saúde mental das mães solo. Quanto aos objetivos específicos, estes apresentaram o conceito de saúde mental adicionado à saúde psíquica da mulher e mãe solo; as contribuições do movimento feminista junto a maternidade; e os estigmas sociais enfrentados pela mãe solo.

A pesquisa utilizou uma abordagem qualitativa, exploratória e dedutiva com análise de conteúdo. Quanto ao procedimento de coleta de dados, foi utilizada a pesquisa de campo, uma vez que ela possibilita o levantamento de informações sobre as experiências e saúde mental da mãe solo. Os autores Rodrigues e Ramos (2019) foram referências para descrever e melhor compreender sobre os métodos utilizados neste trabalho e a análise foi embasada na análise de conteúdo da autora Bardin (1977). Ao final da pesquisa, foi alinhado o material coletado a campo junto a conceitos já existentes, possibilitando novos conceitos, concordância ou contraposição a outros estudos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DO MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL

As transformações sociais, psicológicas e econômicas que envolvem a mulher não são fenômenos que ocorreram de forma abrupta, ou seja, da noite para o dia. No início da construção da sociedade era comum considerar apenas a figura masculina, como fonte de segurança, proteção, sustento e poder. O homem no lar, o pai, era o único e exclusivo provedor da família, este trabalhava durante longas horas diárias para manter todas as despesas da casa a qual era responsável. Porém esse conceito de poder centrado no homem e a definição em torno da figura masculina e suas “obrigações”, vem sendo desconstruída nas últimas décadas. As mulheres começaram a receber um novo papel social e tornaram-se a principal fonte de sustento familiar, o que resultou na alteração e distribuição de poderes dentro dos lares (JESUS; ALMEIDA, 2016; NETTO; DANTAS; FERRAZ, 2018).

As mudanças do percurso feminino foram provocadas a partir do movimento feminista que nasceu nos Estados Unidos a contar de 1960 e estendeu-se aos outros países rapidamente. Entre as perspectivas do movimento, tinha por finalidade o direito a participação nas eleições eleitorais pelas mulheres, confrontando a visão de que elas estariam restritas somente as atividades domésticas, repercutindo na emancipação das mulheres em diversos sentidos (PALHANO; BARROS, 2018). No Brasil, o movimento feminista fez surgir diversos questionamentos relacionados aos direitos das mulheres e a democracia, abrindo, a partir

disso, espaço para que elas conseguissem opinar na política do país, além de ter acesso à educação e ao trabalho. A participação da mulher dentro do contexto político social trouxe entre os anos 1970 e 1980 medidas punitivas e intervenções preventivas que resguardavam o direito da mulher, tornando possível a melhoria de qualidade de vida e o acesso a serviços públicos como um direito de todos, independentemente do gênero (SARDEENBERG, 2017; LEITE *et al.*, 2017).

A onda feminista no Brasil ainda trouxe na década de 1980 a primeira inserção de políticas públicas relacionada ao gênero (BURCKHART, 2017). Assim, continuando nesta perspectiva, em 1993, reconheceu-se no Brasil como uma violação dos direitos humanos a violência contra a mulher, ficando mais evidente a partir do ano 2002, quando houve uma movimentação em defesa das mulheres vítimas de violência, que resultou na criação de serviços destinados à denúncia dos abusos sofridos e pontos de acolhimento para as vítimas. Para que esses serviços funcionassem de forma simétrica, equipes multidisciplinares se prepararam para oferecer apoio a mulheres em contexto de violência e vulnerabilidade. Dentro dessa rede, a figura do psicólogo destaca-se no acolhimento e escuta das vítimas, levando em consideração o seu contexto social (SILVA; SILVA, 2017; TRAVANCAS, 2018).

A revolução sexual, foi outro grande fenômeno que provocou grandes mudanças no ambiente familiar e principalmente ao que se refere ao papel da mulher na sociedade. Esse movimento aconteceu no território ocidental entre os anos 1960 estendendo-se até 1970. Na era pós-moderna floresceu novos modelos familiares e melhor compreensão da alteridade. A difusão de anticoncepcionais também faz parte deste processo, libertando o corpo da mulher da responsabilidade maternal, no sentido de que esta passa a ser uma opção e não necessariamente uma fatalidade. Atualmente no Brasil a mulher pode definir se quer ou não ter filhos, a quantidade, o tempo ou priorizar se dedicar a outras atividades como a formação profissional em vez de tê-los. Embora seja possível conviver com os novos modelos familiares e definições que atravessam a maternidade, na atualidade são inúmeros os entraves que embaraçam sua naturalização (BRAGA; MIRANDA; CORREIO, 2018; OLIVEIRA; ELIAS; GROKORISKI, 2017).

2.2 OS ESTIGMAS SOCIAIS ENFRENTADOS POR MÃES SOLO

Nas últimas décadas ocorreram grandes mudanças nas estruturas familiares impactando e refletindo em diferentes dinâmicas da sociedade. Dentro dessas mudanças está o novo modelo familiar monoparental, que é formado por um único progenitor, seja pai ou mãe e filhos. Como consequência disso, são destinadas todas as responsabilidades apenas a uma pessoa, pai ou mãe solo, o que ocasiona por vezes uma sobrecarga de exigências pessoais, sociais e/ou emocionais (SANTOS, 2019).

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nota-se que entre os anos 1995 a 2015, o número de casas chefiadas por mulheres aumentou significativamente de 23% para 40%, ou seja, passou de 9 milhões para 28 milhões. Já o número de casas chefiadas por homens, passou de 32 milhões para 42 milhões (IPEA, 2017; IBGE, 2019). Outro aspecto importante levantado pelo IBGE (2019), aponta que as mulheres se dedicam mais que os homens aos afazeres domésticos e aos cuidados com os filhos mesmo trabalhando fora. O divórcio, óbito do cônjuge, gravidez indesejada, abandono por parte do pai ou por escolha própria, são motivos pelos quais mulheres seguem criando filhos sozinhas, enfrentando desafios, conflitos pessoais e interpessoais, preconceitos, julgamentos e o desvalor (SANTOS, 2017; IPEA, 2017; IBGE, 2019).

Segundo Santos (2019), a pouca condição financeira é um dos maiores desafios sociais enfrentados pela mãe solo. Em muitos casos a remuneração que a mulher possui é consideravelmente inferior em comparação a renda de um homem ou pai da própria criança. Essa ocorrência pode ser traduzida pela questão de gênero, uma vez que homens e mulheres assumem as mesmas posições e recebem salários distintos. Além disso, a mãe solo enfrenta desafios por ser a única responsável pelo filho, passando a perder oportunidades de empregos melhores, por não ter com quem deixar os filhos ou por algumas instituições e empresas, julgarem que a mãe sempre terá que interromper suas tarefas organizacionais para corresponder as necessidades do filho (SANTOS, 2019).

O machismo é outro estigma desafiador que se constitui como uma barreira para a mãe solo, uma vez que o patriarcado atribui a função de provedor, segurança e poder ao homem. A mulher e mãe solo, enfrenta preconceitos e até mesmo ameaças por não ter uma figura masculina dentro de casa, recebendo definições advindas do senso comum, como alguém de pouca suficiência para liderar um lar, educar filhos, oferecer segurança e prover recursos financeiros (ESTRELA; MACHADO; CASTRO, 2018).

A romantização da maternidade é um grande e importante desafio a ser mencionado.

Ao conceber um filho as mães são incumbidas ao papel de proporcionar um amor incondicional a ele, capaz de superar quaisquer obstáculos, desafios, medos e incertezas, anulando suas necessidades e desejos. Deve-se refletir sobre a romantização da maternidade, uma vez que essa fase é demarcada por sacrifícios, renúncias e dores, que podem despertar outros sentimentos além do amor materno, como cansaço e arrependimento (ESTRELA; MACHADO; CASTRO, 2018; BRAVO, 2018).

2.3 A SAÚDE MENTAL DA MÃE SOLO

A descoberta de uma gestação, gera na mulher a descoberta de novos sentimentos que podem alterar sua conduta e comportamento. A notícia da maternidade, nem sempre soa como algo benéfico para o contexto no qual a mulher vive e pode ocasionar muita tristeza. Em alguns casos a ansiedade é a maior característica deste período, vinculado ao estresse decorrente das mudanças hormonais. Outros sentimentos como alegria e indiferença podem surgir nesse período, assim como medo, insegurança e desespero diante ao o que ainda está por vir (GOMES *et al.*, 2016; COELHO *et al.*, 2016).

A auto cobrança para ser uma “supermãe”, guerreira, cheia de virtudes, que se empenha diariamente para fazer bem ao filho e fazer com que tudo pareça estar bem, mesmo que por dentro de si saiba que há algo errado, é um grande desafio enfrentado pela mulher que em algumas circunstâncias se vê presa só nessa criação e educação. Diante da luta e expectativa de ser para o filho uma “mãe maravilha”, a mulher acaba por esconder sentimentos, medos, anseios e preocupações, não deixando transparecer o que lhe incomoda. Para muitas dessas mulheres é melhor anular suas dores e conflitos, e colocar os cuidados do filho em primeiro lugar, deixando de lado o autocuidado e assumindo um lugar de “super-heroína” (SILVA; BARBOSA, 2018).

Diariamente a mãe solo precisa redobrar seus esforços para cuidar dos filhos, proporcionar seu sustento e todas as outras necessidades que lhe envolvem, tais como carinho e afeto, além de trabalhar, relacionar-se socialmente com as outras pessoas e cuidar de si mesma. Para além disso, tem seus direitos e privacidade violada, são questionadas de como conseguem exercer o papel da maternidade, vivenciando situações constrangedoras, nas quais são expostas ao olhar e julgamentos do outro (FERREIRA; SMEHA, 2018).

Várias são questões que demandam atenção acerca da mulher que assume o papel de “supermãe”, e uma delas é a sua saúde mental. Segundo Steen e Francisco (2019), a saúde mental refere-se ao estado emocional, psicológico e ao bem-estar das pessoas, que de forma racional precisam executar suas atividades cotidianas de forma produtiva. Para Boeff e Souza (2020), as mulheres são frequentemente diagnosticadas com depressão e transtornos de ansiedade decorrentes das relações mal adaptativas que estabelecem socialmente, o que pode ser compreendido como um sofrimento psíquico (STEEN; FRANCISCO, 2019; BOEFF; SOUZA, 2020).

No cotidiano dos brasileiros, a ansiedade inclui sintomas como preocupação e medos exagerados sobre tudo e a depressão abrange sintomas como desesperança, tristeza profunda, sensação de vazio e falta de sentido de vida. Comumente a esses transtornos também são associados a violência doméstica, vulnerabilidade, opressão, podendo a partir disso, correlaciona-los a saúde mental da mãe solo (STEEN; FRANCISCO, 2019; FERREIRA; SORATTO, 2018; BOEFF; SOUZA, 2020).

A baixa autoestima, a falta do sentido da vida, anulação de projetos, crenças distorcidas sobre si, medo do presente e futuro, são outros aspectos que impactam diretamente na saúde da mãe solo. O excesso de preocupação e responsabilidade diária levam ao esquecimento do cuidar de si, e em alguns dos casos quando as mães despertam para esse cuidado já estão em estado potencializado de estresse, fadiga e desespero. Além das questões sociais, com a chegada do filho a mulher passa por mudanças relacionadas a estética, precisando lidar com a sua nova imagem (RIBEIRO, 2018; BITENCOURT, 2019).

Nesse sentido é essencial a ajuda profissional de um psicólogo para uma escuta qualificada, acolhimento e apoio as demandas dessa mãe que carece de um olhar humanizado e sem julgamentos, considerando também os fatores psíquicos como desencadeadores do seu adoecimento. Sabendo-se que a escuta ativa é uma das importantes ferramentas do psicólogo, ele poderá através dela encorajar a mulher a articular seus sentimentos sem julgamentos morais e motivá-la a encarar a situação tal como ela é, promovendo a compreensão de suas dificuldades e facilidades, bem como assumir um novo papel (OLIVEIRA; SANTOS; CAVALCANTE, 2019).

Em outras palavras, o acompanhamento psicológico a mulher seja durante a gravidez ou em qualquer momento da vida é fundamental, pois, poderá certificar a existência ou não de transtornos mentais, evitando que os mesmos progridam e definitivamente comprometam a vida da pessoa. Sendo assim, o papel do psicólogo neste cenário baseia-se em identificar a

presença ou ausência de transtornos, bem como, o motivo, elementos e aspectos que influenciam e são influenciados pelos mesmos, além de buscar junto às mães medidas de enfrentamento e intervenção que possam aliviar as consequências decorrentes (DE SOUZA; ACÁCIO, 2019).

O papel interventivo do psicólogo é extremamente relevante, contudo, é preciso pensar além, compreendendo qual é o seu papel como agente de prevenção ao adoecimento. Não se pode falar em saúde mental apenas quando há a constatação de transtornos, deve-se também, difundir discussões acerca da saúde mental e os aspectos que a envolvem, sejam de ordem biológica, psicológica ou social, de forma que os cuidados não sejam apenas paliativos mas ganhem uma proporção de cautela e possam reduzir as consequências (SOARES; MACEDO, 2020).

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa trata-se de uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, descritiva e dedutiva. A pesquisa exploratória teve como propósito propiciar uma visão geral acerca de determinado fato e maior proximidade ao tema, já a pesquisa descritiva buscou apresentar detalhes de uma população e de fenômenos, bem como, o estabelecimento das características das relações entre as variáveis (RODRIGUES; RAMOS; JÚNIOR, 2019). O método dedutivo, por sua vez, buscou explicar o problema e confirmar as hipóteses levantadas na elaboração do problema. Quanto aos procedimentos técnicos que foram utilizados de cunho qualitativo, descreveu a complexidade do problema sem o uso de instrumentos estatísticos (ALMEIDA, 2016; ARAGÃO; NETA, 2016; SILVA, 2016.).

O entendimento deste trabalho demandou uma busca de embasamentos teóricos que puderam demonstrar uma ampla visão a respeito do tema, a fim de que se alcançasse um referencial adequado à efetivação desta investigação e dos objetivos já propostos. Para isso, a revisão bibliográfica aplicada teve como objetivo explicar os estigmas envolvidos em torno da mãe solo e sua saúde mental. As referências teóricas foram utilizadas para analisar e conhecer as contribuições científicas e culturais que influenciam discussões sobre o tema. Por meio de uma revisão bibliográfica baseada na literatura através de consulta à artigos científicos selecionados nas bases do Scielo e Google Acadêmico. Foram utilizadas as seguintes

palavras-chave: mãe solo; estigmas; saúde mental; e movimento feminista no Brasil. Os artigos e teses de referência utilizados se configuram apenas em datas entre os anos 2016 a 2020, considerando o clássico de Bardin (1977).

A pesquisa considerou informações claras em língua portuguesa sobre os problemas correlacionados às dificuldades enfrentadas por mãe solas, bem como, sua luta diária para sustento da família, seus sentimentos e frustrações. Se fez necessário o aprofundamento no assunto através da pesquisa de campo, na qual foi proposta uma análise de conteúdo mediante depoimentos de 04 mães solo residentes na cidade de Sete Lagoas/MG. As mães foram convidadas para participar da pesquisa a partir do critério de monoparentalidade, sendo maiores de 18 anos e de qualquer classe social ou raça. Foi aplicada uma entrevista semiestruturada via vídeo chamada, sendo realizada após apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme disponibilidade de horário da participante e concordância da mesma. As entrevistas foram gravadas e transcritas para melhor avaliação dos dados adquiridos.

As participantes foram orientadas sobre o possível desconforto que poderiam sentir diante da temática ou mal-estar com algum assunto abordado. Nesse sentido, a gravação das entrevistas poderia ser interrompida ou até mesmo encerrada caso necessário. As participantes puderam contar também, com o acompanhamento clínico psicológico ofertado na Faculdade Ciências da Vida, sendo encaminhadas posteriormente pela pesquisadora ao serviço.

A análise dos dados foi executada por meio da Análise de Conteúdo, que de acordo com Bardin (1977) é descrita como um conjunto de procedimentos sistemáticos que permitem o levantamento de indicadores, sendo eles quantitativos ou não, análise das informações e descrição do conteúdo das falas ou textos. Para aplicação coerente do método, de acordo com Bardin (1977) a análise de conteúdo perpassa por três fases fundamentais que se organizam em: análise inicial, exploração do material e conclusão dos resultados. A primeira etapa é a de ordenação do material no plano cronológico e epistemológico. A segunda é a que averigua todo o conteúdo e conforme o contexto se divide em fragmentos, e por último a terceira etapa aprofunda-se nas técnicas e questão do método, sendo: a organização da análise, identificação dos resultados, as categorizações e inferências, procurando incorporar os elementos fundamentais do material adquirido. Surgiram as seguintes categorias através da análise das entrevistas: a mãe solo e os estigmas sociais; os desafios do “ ser mãe”; e, a mãe que tudo provê e sua saúde mental. (BARDIN, 1977; GUIMARÃES, 2016; PATTI; SOUSA; GARCIA, 2017; SILVA, 2017; RESENDE; ACOSTA, 2018).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta parte do trabalho serão abordadas, discutidas e apresentadas informações levantadas durante as entrevistas, bem como, os resultados obtidos. Como acordado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para preservação da identidade dos participantes serão utilizados os termos “ Mãe” relacionado ao número de entrevistas “1,2,3 e 4”. Através das entrevistas realizadas a entrevistadora teve a finalidade de conhecer a realidade vivenciada pelas mães solas e expor a visão desse grupo referente aos seus desafios cotidianos enquanto mulher/mãe.

4.1 A MÃE SOLO E OS ESTIGMAS SOCIAIS

Segundo os autores Gomes *et al.*, (2016) e Coelho *et al.*, (2016), a descoberta de uma gestação gera também na mulher novos sentimentos, que por vezes alteram a sua maneira de pensar e seus comportamentos. A chegada de um filho nem sempre é vista como algo benéfico para mulher ou para aqueles que a rodeia, e em alguns casos provoca tristeza e a ansiedade, uma das maiores características deste período, vinculado ao estresse decorrente das mudanças hormonais. Outros sentimentos como euforia e indiferença são recorrentes nesse período, bem como, o medo, insegurança e desespero diante do novo que se apresenta. Nas falas abaixo, pode-se observar os sentimentos envolvidos na descoberta da gestação das entrevistadas:

“Não, não foi planejada, mas eu não sei porque, mas eu suspeitei e eu já tava com umas duas semanas, mas eu escondi a minha gravidez até o quinto mês. Foi o meu primeiro namoro e eu sempre fui uma pessoa muito responsável, muito centrada, então assim, eu fui criada só pela minha mãe também, minha mãe também sempre foi muito brava, então eu considerei aquilo como se ... não sei... Uma decepção muito grande pra ela e pra mim também, porque eu não me políciei, não preveni, entendeu? Foi bem difícil” (Mãe 2).

“Foi um contexto muito conturbado, eu fui mãe muito jovem, não tava planejando filho, pra mim foi um choque, foi uma surpresa. Tive medo, ansiedade, uma certa angústia, eu acho que no primeiro momento eu não senti alegria não, foi realmente um pânico mesmo, mais medo e a medida que o tempo foi passando que eu fui acostumando com a ideia e aceitando melhor” (Mãe 3).

“Não foi planejada. Eu desconfiava mas ao mesmo tempo eu tinha medo, eu tinha preocupação, aí juntou uma mistura de medo, de desespero, é... assim, como posso

te dizer? eu fiquei assim, sem reação o que me levou à esconder um tempo, aí quando eu resolvi a falar, já tava de seis para sete meses, era muito nova, não tinha experiência” (Mãe 4).

Além da descoberta da gestação e a emoção que esta envolve, a mãe solo enfrenta alguns desafios e preconceitos sociais. Para Estrela, Machado e Castro (2018), o machismo é um estigma social desafiador, uma vez que o patriarcado atribui a função de provedor, segurança e poder ao homem. A mulher e mãe solo, enfrenta preconceitos e até mesmo ameaças por não ter uma figura masculina dentro de casa, recebendo definições advindas do senso comum, como alguém de pouca suficiência para uma vida como outros indivíduos. Tais estigmas foram apresentados pelas entrevistadas, como pode ser visto nos trechos a seguir:

“Às vezes sofri preconceito sim, porque como eu criei meus filhos sozinha, então assim, acho que foi muito difícil, não foi fácil, então teve tempo que... não tinha o dinheiro pra comprar uma coisa que meu filho queria. Cê não ter condições de levar em um lugar, então assim, é difícil... cê vê seu filho chorar querendo um trem, mas não tem condições de dar, e as pessoas ainda me apontando que eu não tava dando conta, era muito doído.” (Mãe 1)

“Já sofri discriminação por ser mãe solteira e pessoas não quis ter um relacionamento comigo por isso. Isso incomoda, antes machucava muito mais, hoje não porque assim, hoje eu entendo que eu tenho o meu valor, eu percebi, eu consegui entender que em Deus eu sou valiosa e que o erro, ou uma atitude minha que talvez não tenha sido tão legal, não vai... eu não vou ser pior por isso, mas é porque eu entendi, quando uma pessoa pensa assim, eu acho que ela que não tá boa pra mim. Hoje eu penso assim, mas, eu sofri muito com isso, machucou muito, muitas vezes. “ (Mãe 2)

“Sofri preconceito várias vezes, muitas. Do início ao fim praticamente, mas hoje eu consigo ver de outra forma graças a Deus. Eram muitas críticas, falavam “alá fulana, naquela idade já vai ter filho, e alá o pai nem tá com ela, abandonou ela na gravidez. E isso acaba que deixa a gente bastante machucada, chateada e não é o que a gente pede para ter né?” (Mãe 4)

Os autores Ferreira e Smeha (2018) mencionam que diariamente a mãe solo precisa se reinventar para cuidar dos filhos, oferecendo carinho e afeto. E, mesmo se desdobrando em suas tarefas, essa mulher tem seus direitos e privacidade violada, sendo constantemente criticadas sobre a maneira que exercem o papel da maternidade. Durante as entrevistas foram expostos pelas mães a presença de situações constrangedoras no seu cotidiano, nas quais enfrentam diariamente olhares críticos e julgamentos alheios, algo que torna ainda mais pesado a tarefa de ser mãe, gerando nelas a auto cobrança frente a criação dos filhos.

4.2 OS DESAFIOS DO “SER MÃE”

Para Ferreira (2010), a palavra mãe é definida como um substantivo feminino que se refere a aquela que concebeu um ou mais filhos. Estrela, Machado e Castro (2018), estendem a palavra mãe ao senso comum, definindo a mãe como a que protege, que cuida e a que dá carinho e assistência. Ser mãe, em alguns discursos também é considerado uma árdua tarefa que inclui sacrifícios e desafios, mas em outros, a maternidade surge um pouco mais romantizada, levando a conclusão que o ser mãe trata-se de vivências subjetivas. Nos fragmentos de falas a seguir é descrito pelas entrevistadas, como é ser mãe na sua visão:

“Ser mãe não é uma coisa muito fácil não né... a gente ama os filhos da gente de qualquer forma mas é uma responsabilidade muito grande, principalmente quando a gente não tem o pai participando, né... então a responsabilidade da gente vira como se fosse pai e mãe ao mesmo tempo” (Mãe 1).

“Ah, eu acho que ser mãe, é uma dádiva de Deus, uma oportunidade de gerar de instruir, um presente de Deus. Não é fácil! Não é nada fácil. A cada etapa que eles vão crescendo a idade, a gente vai vendo que não, nunca vai ser fácil” (Mãe 2).

“Ser mãe realmente é padecer no paraíso, porque depois que a gente vira mãe, depois de ter filho, a gente descobre um amor maior que não tem explicação, a gente faz de tudo pro filho da gente, e por aí vai” (Mãe 3).

“Ser mãe é uma experiência maravilhosa, apesar que é padecer no paraíso, mas é uma experiência maravilhosa... é uma mistura de emoção, com responsabilidade, com amor, preocupação, é um conjunto né?” (Mãe 4).

Embora a maternidade seja vista por grande parte da sociedade de forma fantasiosa e romantizada, existe um lado de renúncias por parte dessa mãe que é pouco discutido. Para os autores Estrela, Machado e Castro (2018), ao conceber um filho as mães são incumbidas a exercer um papel de oferecer amor aos filhos que supere qualquer obstáculo, desafios, medos e incertezas, anulando as suas necessidades e desejos enquanto mulher. As falas das mães solo entrevistadas, mostram parte dessas renúncias:

“A maternidade muda tudo, é um desafio maravilhoso, a mulher antes da maternidade e depois é outra pessoa, a mulher muda totalmente, não existe nenhuma mulher que não muda. Nos seus sentimentos, no seu jeito de ser, sabe? Nas suas emoções totalmente... a mulher vira outra mulher, ela cria uma responsabilidade que não sei de onde que vem” (Mãe 1).

“Tudo foi bem difícil, engravidei do meu primeiro namorado, e depois também com a notícia da gravidez ficou mais difícil ainda. Eu não tive um suporte desde o início da gravidez, então eu tive que levar tudo isso sozinha, né? Foi bem difícil. Abri mão de tudo que era pra mim pra dar minha filha. Eu me vi assim, né...grávida sem uma estrutura psicológica e financeira” (Mãe 2).

“São vários desafios, principalmente depois que eu descobri o diagnóstico do Davi, foi tudo muito complicado, principalmente pelo fato de ser mãe de criança especial, tem sido muito desafiador, desde a gravidez, como eu falei foi uma gravidez não planejada, foi tudo com muita turbulência e até hoje tem sido muito desafiador

mesmo, aprender a lidar com as deficiências dele... Até hoje tem aí esse processo de aceitação e conhecimento mesmo, tenho que dedicar totalmente a ele e acabo abrindo mão de certas coisas pra mim” (Mãe 3).

“Eu tive que reorganizar praticamente em tudo, até porque eu não tinha um salário fixo, eu vendia salgadinho na rua. Como eu tinha muito medo, eu pensei que não ia ter o apoio da minha família, de ninguém” (Mãe 4).

De acordo com Silva e Barbosa (2018), a auto cobrança para ser uma “supermãe” é um grande desafio enfrentado pela mulher que em algumas circunstâncias se vê presa só nessa criação e educação. Diante da luta e expectativa de ser para o filho uma “mãe maravilha”, a mulher acaba por camuflar seus sentimentos, não demonstrando o que lhe incomoda. Durante a coleta dos dados para essa pesquisa, ficou explícito a fadiga referente a grande responsabilidade de cuidar dos filhos sozinha somado do pouco recurso financeiro.

Através do olhar, das pequenas pausas e respiração profunda ao falar sobre os desafios maternos, pode-se ainda observar a necessidade de acolhimento e escuta da mãe solo, que tem tomado um lugar de “super-heroína”, colocado os cuidados dos filhos em primeiro lugar e deixado de lado o autocuidado.

4.3 A MÃE QUE TUDO PROVÊ E SUA SAÚDE MENTAL

Segundo Santos (2019), a pouca condição financeira é um dos maiores desafios sociais enfrentados pela mãe solo. Além disso, essa mãe enfrenta desafios por ser a única responsável pelo filho, passando a perder oportunidades de empregos melhores, por não ter com quem deixar os filhos ou por algumas instituições e empresas julgarem que a mãe sempre terá que interromper suas tarefas organizacionais para corresponder as necessidades do filho. Durante as entrevistas as mães falaram como buscam sustento para seus filhos e os desafios que essa responsabilidade apresenta, como pode ser visto abaixo:

“Sempre trabalhei fora. Então você tenta dar de tudo naquela parte que “cê” tem para eles, mas ao mesmo tempo, “cê” não consegue, porque tem que auxiliar o serviço doméstico, a casa, a comida, a alimentação, né, as vezes até estudo, “cê” tenta fazer ao máximo, tá o tempo junto com eles o máximo” (Mãe 1).

“Hoje eu sou funcionária pública. Há um tempo atrás eu recebi uma oportunidade, mas eu precisava trabalhar a noite, aí eu falei que pra mim não dá porque eu tenho uma filha de quinze anos e ela vai ficar sozinha a noite, então eu passei a priorizar isso entendeu? Antes pela necessidade financeira, talvez eu aceitasse, tentasse arrumar alguém pra ficar, mas eu passei a priorizar, isso foi uma coisa que eu tive

que aprender, com a necessidade que eu tinha e aprender a lidar com essa situação” (Mãe 2).

“Eu embora tenha tido muita dificuldade, eu nunca deixei de estudar, consegui me formar, hoje já estou como professora, vendo produtos de cabelo, tratamento, então tem várias coisas aí que eu consegui sustentar a família” (Mãe 3).

“Agora, atualmente eu estou sem trabalhar, estou autônoma, “tô” recebendo seguro, e vendo salgadinhos graças a Deus e através do salgado eu tenho renda sem benefício, que dá pra adquirir as coisas que é necessário e que até mesmo os que eu preciso né?! É através da venda de salgadinho que temos o alimento... a despesa diária, tudo o que a gente precisa. Com luta e determinação a gente corre e dá certo” (Mãe 4).

Várias são questões que demandam atenção acerca da mulher que assume o papel de “supermãe”, e uma delas é a sua saúde mental. Segundo Ribeiro (2018) e Bitencourt (2019) a baixa autoestima, a falta do sentido da vida, anulação de projetos, crenças distorcidas sobre si, medo do presente e futuro, são outros aspectos que impactam diretamente na saúde da mãe solo. O excesso de preocupação e responsabilidade diária levam ao esquecimento o cuidar de si, e em alguns dos casos quando as mães despertam para esse cuidado já estão em estado potencializado de estresse, fadiga e desespero. A seguir as falas demonstram a pouca atenção que as mães solo dão para a sua saúde:

“A gente não tem muito tempo para cuidar da gente né, então assim, a forma que a gente tem pra cuidar mesmo, eu acho que é... pra mim eu acho que é, eu faço muita terapia, converso muito com Deus, eu peço muito Deus as coisas, agradeço de mais, mas assim eu não “tô” me cuidando muito, e “tô” precisando, fazer uma caminhada, cuidar da saúde, as vezes o tempo seu é muito corrido, não consegue conciliar as coisas, mas isso aí eu pretendo conciliar sim” (Mãe 1).

“Ultimamente, eu comecei a olhar mais pra mim nos últimos meses. Eu “tava” com muito peso, então eu tive acompanhamento de uma pessoa pra me ajudar, e eu tenho olhado mais pra mim, ficado mais feliz comigo mesma” (Mãe 2).

“A minha saúde mental, eu sei que preciso de acompanhamento porém eu não sei o que acontece comigo que eu não consigo continuar com o acompanhamento psicológico, eu vou nas primeiras sessões, me sinto bem, saio de lá mais motivada, mas é como se fosse um ciclo vicioso, as mesmas perguntas, fica voltando no passado, talvez seja um processo aí que eu tenha que passar pra conseguir viver bem, digamos assim. Parece que eu não tenho paciência para finalizar esse processo, já tentei várias vezes. Eu começo a ir muito bem, mas, a sensação que eu tenho é que me dá aquela injeção de gás enquanto eu estou lá no consultório, quando eu chego em casa o vazio continua, então eu não consigo continuar” (Mãe 3).

“A saúde mental agora está boa, que eu sai do emprego, “tô” conseguindo descansar minha mente, trabalhava com telemarketing, acaba que não cansa o corpo, mas sim cansa a mente. Agora saúde física, tá um pouco alterada. Não me cuido muito” (Mãe 4).

No decorrer da aplicação das entrevistas foi possível refletir sobre a atenção a saúde mental da mãe solo e pontuar sobre a importância de um acompanhamento psicológico evitando que ocorra ou progridam transtornos mentais que comprometam a vida da mulher.

Para De Souza e Acácio (2019) o papel do psicólogo neste cenário baseia-se em identificar a presença ou ausência de transtornos, bem como, o motivo, elementos e aspectos que influenciam e são influenciados pelos mesmos, além de buscar junto às mães medidas de enfrentamento e intervenção que possam aliviar as consequências decorrentes. Soares e Macedo (2020), ainda complementa dizendo que não se pode falar em saúde mental apenas quando há a constatação de transtornos, deve-se também, difundir discussões acerca da saúde mental e os aspectos que a envolvem, sejam de ordem biológica, psicológica ou social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o objetivo compreender como repercutem os estigmas sociais na saúde mental das mães solo, desse modo, foram apresentados os desafios e demandas desse grupo. Durante a revisão bibliográfica e aplicação das entrevistas, foi possível notar como a experiência do “ser mãe solo” é subjetiva e como esta envolve desafios sociais, econômicos e emocionais, gerando estresses e angústias no seu cotidiano, podendo desencadear um adoecimento psíquico. A pesquisa demonstrou-se também, que o cuidado com a saúde mental da mulher/mãe é importante por se tratar daquela que diariamente se desdobra em assistenciar os filhos e cumprir afazeres domésticos junto a sua jornada profissional.

A pesquisa apresentou algumas limitações devido alguns fatores não controláveis pela pesquisadora, como o cronograma de entrega e a dificuldade de aplicação da entrevista devido a pandemia Covid-19, momento crítico na Saúde que o país enfrenta, impedindo a aproximação entre as pessoas. A partir disso, a metodologia aplicada e a quantidade de participantes limitaram os resultados que não puderam ser melhor explorados.

Mesmo diante dos desafios enfrentados durante a pesquisa, os dados coletados consideram e reafirmam a importância da psicologia no acolhimento a “mulher maravilha”, indo além do papel de mãe, atentando-se para os desejos, projetos, sonhos e interesses da mesma. Após a aplicação das entrevistas a pesquisadora ofereceu o serviço da psicologia disponibilizado na Clínica Escola da Faculdade Ciências da Vida, para que as mães solo

pudessem iniciar o cuidado com sua saúde mental. As mães manifestaram interesse e comprometeram em cuidar mais de si a partir desse momento.

A presente pesquisa demonstrou sua relevância acadêmica, ao aprofundar sobre a maternidade solo e os seus desafios. Sendo assim, sugere-se que futuros trabalhos explanem de maneira mais aprofundada sobre a relação da mãe solo com os filhos e suas relações interpessoais e familiares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Nara Gabriela Nascimento. **A Importância Da Metodologia Científica Através Do Projeto De Pesquisa Para A Construção Da Monografia.** (2016). Disponível em: <<https://www.brapci.in.br/index.php/res/download/53439>>. Acesso em: 22 de maio de 2020.

ARAGÃO, José Wellington Marinho de; NETA, Maria Adelina Hayne Mendes (2016). **Metodologia Científica.** Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/174996/2/eBook_Metodologia_Cientifica-Especializacao_em_Producao_de_Midias_para_Educacao_Online_UFBA.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2020.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: edições, v. 70, p. 225, 1977. Acesso em: 20 de fev. 2020.

BITENCOURT, Silvana Maria. **A maternidade para um cuidado de si: Desafios para a construção da equidade de gênero.** Estudos de Sociologia. Araguara. v.24, n.47, p.261- 281, 2019. Doi: <https://orcid.org/0000-0002-3183-373X>. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/11407>. Acesso em 27 de maio de 2020.

BOEFF, Muriel Closs; SOUZA, Tatiana Camargo de. **Gênero e diagnóstico em saúde mental: Que relação é essa?** Revista Relações Sociais, Vol. 03 n.1 2020. Doi:10.18540/revesv13iss1pp0050-0055. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/reves/article/view/9520/5309>>. Acesso em: 22 de maio de 2020.

BRAGA, Rafaela Castro; MIRANDA, Luiz Henrique de Assis; CORREIO, Janaina de Paula Costa Veríssimo. **Para além da maternidade: as configurações do desejo da mulher contemporânea.** Revista da graduação em psicologia da Puc Minas. V.3, n.6, jul./ dez. 2018. Disponível em: < <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15994>>. Acesso em: 10 de abr. 2020.

BRAVO, Elisabete Dieguez. **Mulher maravilha e a influência feminista.** Intercom-Sociedade brasileira de estudos interdisciplinares da comunicação, 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação- Joinville- SC, 2018. Disponível em: <

<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-2237-1.pdf>>. Acesso em: 15 de abr. 2020.

BURCKHART, Thiago. (2017). **Gênero, dominação masculina e feminismo: Por uma Teoria Feminista do Direito**. Disponível em: <

<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/revistadireitoemdebate/article/view/6619>>.

Acesso em: 23 de março de 2020.

COELHO, A.C.L; BAGATA, L.C.B; OLIVEIRA, S.M.S, *et al.* **“E se fosse comigo?”**

Representação social de adolescentes sobre gravidez. Interdisciplinary Journal of Health Education. 2016 Ago-Dez;1(2):73-82. <http://dx.doi.org/10.4322/ijhe.2016.015>

CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid; SILVA, Laila Cristina da Silva. Disponível em: < <https://ijhe.emnuvens.com.br/ijhe/article/view/106/13> > Acesso em: 26 de maio de 2020.

DE SOUZA, Elyemerson Alves; ACÁCIO, Karolline Hélcias Pacheco. **Acolhimento psicológico como forma interventiva no puerpério**. Caderno de Graduação-Ciências

Biológicas e da Saúde-UNIT-ALAGOAS, v. 5, n. 3, p. 11, 2019. Disponível em: <

<https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitsbiosauade/article/view/6034>> Acesso em: 26 de mai. de 2020.

ESTRELA, Jadne Meder; MACHADO, Maira da Silva; CASTRO, Amanda. **O “ser Mãe”:**

Representações sociais do papel materno de gestantes e puérperas. Revista

Multidisciplinar e de Psicologia. V.12, N.42. P.569-578, 2018. Disponível em:

<<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1450/2122>>. Acesso em: 25 de maio de 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2222 p. ISBN 978-85-385-4198-1. Disponível em: <

http://clientes.netvisao.pt/nv021259/pdf/dic_online.pdf>. Acesso em: 4 de mai. 2020.

FERREIRA, Marilise; SMEHA, Luciane Najar. **A experiência de ser mãe de um filho com autismo no contexto da monoparentalidade**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 24,

n. 2, p. 462-481, ago. 2018. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n2p462-481>

Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/9303>>. Acesso em: 20 de abril de 2020.

FERREIRA, Natália Colombo; SORATTO, Maria Tereza. **Avaliação de transtornos mentais comuns em mães participantes do grupo de serviço de convivência e fortalecimento de vínculos de 0 a 6 anos, de um centro de assistência social**. Revista

Interdisciplinar de Estudos em Saúde 7.2 (2018): 11-23. Doi:

<https://doi.org/10.33362/ries.v7i2.1059> Disponível em: <

<http://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/ries/article/view/1059>>. Acesso em: 27 de maio de 2020.

GOMES, Aline Grill *et al.* **Expectativas e sentimentos de gestantes solteiras em relação aos seus bebês**. Trens in Psychology/ Temas em psicologia- 2016; vol.23, nº2, 399-411. DOI:10.9788/TP2015.2-12. Disponível em:

<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v23n2/v23n2a11.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

GUIMARAES, Frederico Sidney. **A Análise do Discurso e os significantes ideologia e inconsciente. Estudos Linguísticos** (São Paulo. 1978), 2016, 45.3: 802-814.

Doi: <https://doi.org/10.21165/el.v45i3.643> Disponível em: <

<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/643> >. Acesso em: 15 de nov. 2019.

JESUS. Cassiano Celestino; ALMEIDA, Isis Furtado. **O movimento feminista e as redefinições da mulher na sociedade após a segunda guerra mundial.** Boletim Escolar, n.14, mar./ abr. 2016, p.09-27. Disponível em:<<http://seer.ufs.br/index.php/historiar>>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

JÚNIOR, Eloir Lázaro de Oliveira. **Pesquisa científica na graduação: um estudo das vertentes temáticas e metodológicas dos trabalhos de conclusão de curso.** 2019.

Disponível em: < <http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/20939> >. Acesso em: 20 de fev. 2020.

IBGE. Estatísticas sociais, 2019. **Mulheres dedicam quase o dobro do tempo dos homens em tarefas domésticas.** Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24267-mulheres-dedicam-quase-o-dobro-do-tempo-dos-homens-em-tarefas-domesticas>>. Acesso em: 26 de mai. de 2020.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Março, 2017. Disponível em:

<https://www.ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html> Acesso em: 26 de mai. de 2020.

LEITE, Flávia Pereira, *et al.* **Expressão cultural e censura: Estudo revela efeito de gênero.**

VII Conferência de estudos em comunicação e mercado, 2017. Disponível em: <

https://www.researchgate.net/publication/323943267_EXPRESSAO_CULTURAL_E_CENSURA_Estudo_revela_efeito_de_genero>. Acesso em: 20 de mai. de 2020.

NETTO, Manuel Camelo Ferreira da Silva; DANTAS, Carlos Henrique Félix; FERRAZ, Carolina Valença. **O dilema da “produção independente” de parentalidade: é legítimo escolher ter filhos sozinho?** Revista direito GV, São Paulo, V.14, N.3, Set.- Dez. 2018. Doi: <https://doi.org/10.1590/2317-6172201841>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-24322018000301106> Acesso em: 23 de mai. de 2020.

OLIVEIRA, Alice Soares; SANTOS, Maria Eduarda Pereira dos Santos; CAVALCANTE, Mariana Araújo Bichuete. **A importância do acompanhamento psicológico no ciclo gravídico puerperal.**

Revista Humanidades e Inovações V.6, N.13- 2019. Disponível em:<

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/1256>> Acesso em: 26 de mai. de 2020.

OLIVEIRA, Andresa Ribeiro; ELIAS, Camila; GROKORRISKI, Ricardo. **Contra Cultura Dos Anos 60 E Revolução Sexual Na Atualidade.** Anais da Jornada Científica dos Campos Gerais, v. 15, 2017. Disponível em:

<<https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/jornada/article/view/241> Acesso em: 27 de mai. de 2020.

PALHANO, Gabriela Aguiar; BARROS, Neide Célia Ferreira. **O movimento feminista brasileiro como agente na conquista dos direitos humanos das mulheres.**

Revista Científic@ - Multidisciplinary, V. 5, N.1, 2018. Doi: <https://doi.org/10.29247/2358-260X.2018v5i1.p44-52>. Disponível em: <<http://revistas2.unievangelica.edu.br/index.php/cientifica/article/view/2769>>. Acesso em: 25 de mai. de 2020.

PATTI, Ane Ribeiro; SOUSA, Lucília Maria Abrahão e; GARCIA, Dantielli Assumpção. **Pelos entremeios da análise do discurso: nos fios de Michel Pêcheux**. Rev. Psicol. vol. 17, no.39, São Paulo, maio/ ago. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200003&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 23 de maio de 2020.

RESENDE, Viviane de Melo; ACOSTA, Mária del Pilar Tobar. **Apropriação da análise de discurso crítica em uma discussão sobre comunicação social**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, V. 26, N.1, P.421- 454, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.26.1.421-454>. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10246/0>> Acesso em: 15 de fev. de 2020.

RIBEIRO, Maira Cristina Cardoso Ribeiro. **Todo mundo quer ter um filho perfeito: Vivências de crianças com autismo**. Psico- USF, Bragança Paulista, v.23, n.1, p.47- 58. Jan./ mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712018230105>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pusf/v23n1/2175-3563-pusf-23-01-47.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

RODRIGUES, Francisco Welde Araújo; RAMOS, Aretuza Bezerra Brito. **Metodologia científica: análise e reflexão sobre a percepção dos graduandos**. International journal education and teaching (PDVL) ISSN 2595-2498, 2019, 2.1: 47-60. <https://doi.org/10.31692/2595-2498.v2i1.84>. Disponível em: <<https://ijet-pdvl.com/index.php/pdvl/article/view/90/109>>. Acesso em: 15 de fev. 2020.

SARDENBERG, Cecilia M. B. **O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres**. Inc.Soc., Brasília, DF, v.11 n.2, p.15-29, jan./jun. 2018. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/4106/3726>> Acesso em: 25 de mai. de 2020.

SANTOS, Kethin Cristine de Mattos dos. **Análise da representação da mãe solteira nos meios de comunicação e na sociedade por meio do grupo focal**. Anais do EVINCI – UniBrasil, Curitiba, v.3, n.2, p. 669-686, out. 2017. Disponível em: < <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/anaisvinci/article/view/3459/3032>> Acesso em: 25 de mai. de 2020.

SANTOS, Rosimeire dos. Proteção sócia: **A condição das famílias monoparentais femininas no Brasil**. 16º Congresso Brasileiro de Assistentes sociais, Brasília, 30 de out. a 3 de nov. 2019. Disponível em: <<http://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/489/1891>>. Acesso em: 22 de abr. de 2020

SILVA, Tânia Maria Gomes da; BARBOSA, Flávia Cristina Silva. **Exclusão e violência social na perspectiva da escritora Carolina Maria de Jesus: Mulher negra, favelada e mãe solteira**. Revista Cesumar, jul./ dez. 2018, v.23, n.2, p.309- 326. DOI: 10.17765/1516-

2664.2018v23n2p309-326. Disponível em: <
<https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/view/7018/3334>> Acesso em: 25 de mai. de 2020.

SILVA, Isabella Cunha A. **Tudo sobre minha mãe: Ciclos, afetos e cores.** Revista Perspectiva Sociológica, nº 22, 2º sem. 2018, p.99- 106. Disponível em: <
<https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/PS/article/view/1969>> Acesso em: 26 de mai. de 2020.
SILVA, Jonathan Chasko; ARAÚJO, Alcemar Dionet de. **A metodologia de pesquisa em análise do discurso.** Zero Grau- Revista de Crística Cultural, v.5, n. 1, 2017. Disponível em: <
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/3492>> Acesso em: 27 de mai. de 2020.

SILVA, Juscelino. **Os métodos científicos: da origem às aplicações gerais.** Revista de Administração & Ciências Contábeis, 2016, 8.1. Disponível em: <
<http://periodicos.redebatista.edu.br/index.php/ADMCC/article/view/55>>. Acesso em: 15 de fev. de 2020.

SILVA, Teresa Cristina; MAT, Luana da; SILVA, Vânia Nascimento: **Movimento feminista e violência contra mulher: Conjuntutas históricas e sociais.** IV Congresso Nacional de Educação, 2017. Disponível em:
<https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA7_ID4178_16102017202413.pdf>. Acesso em: 22 de mai. de 2020.

SOARES, Francisco Bruno Paz; MACEDO, João Paulo Sales. **Intersecções entre psicologia da saúde e saúde coletiva: uma revisão integrativa.** Revista Psicologia e Saúde 12.1 (2020): 33-47. Doi: <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v12i1.741>
Disponível: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2020000100003> Acesso em: 28 de mai. de 2020.

STEEN, Mary; FRANCISCO, Adriana Amorim. **Bem-estar e saúde mental maternal.** Scielo, Ata Paulista de Enfremagem. Vol.32, n.4, São Paulo, Jul. a Agos. 2019.
DOI:<http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201900049>. Disponível em:
<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002019000400001&script=sci_arttext>. Acesso em: 22 de mai. de 2020.

TRAIVANCAS, Paula Rozemberg. **Nem toda mulher usa bracelete de ouro: um mapeamento dos blogs nerds feministas brasileiros.** Intercom- Sociedade brasileira de estudos interdisciplinares da comunicação, 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação- Joinville- SC, 2018. Disponível em: <
<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1855-1.pdf>> Acesso em: 15 de mai. de 2020.

ANEXO 1

MÃE SOLO	IDADE	NÚMERO DE FILHOS	IDADE DOS FILHOS
Mãe 1	52	02	03 e 20 anos
Mãe 2	35	01	15 anos
Mãe 3	29	01	10 anos
Mãe 4	33	01	14 anos